

Apresentação

No sentido de contribuir na discussão sobre a questão dos jardins e paisagens enquanto espaços memorialísticos, o volume 14, número 1, da revista *Patrimônio e Memória* apresenta o dossiê “Paisagem & jardim como patrimônio cultural”, organizado por Lúcia Maria de S. C. Veras, Joelmir Marques da Silva e Onilda Gomes Bezerra, e que reúne sete artigos nos quais o tema em pauta foi abordado sob distintos pontos de vista.

O texto de Ana Rita Sá Carneiro, “A interação paisagem/jardim na educação do olhar e na conservação do patrimônio”, parte dos depoimentos de Roberto Burle Marx na abordagem da concepção do projeto paisagístico. Saúl Alcántara Onofre, em “Paisaje como patrimonio cultural”, discute a questão da paisagem cultural tendo em vista sua experiência de parecerista sobre paisagens culturais da UNESCO. O texto “O patrimônio natural no contexto da conservação integrada”, de Onilda Gomes Bezerra, trata os valores da natureza do ponto de vista da conservação integrada do patrimônio. No artigo “Sob um parque, pulsa um rio: caminhos da memória de um Projeto de Paisagem para o Capibaribe”, Lúcia Veras desenvolve uma reflexão acerca do projeto Parque Capibaribe, no Recife, no sentido de destacar o potencial do rio Capibaribe como paisagem. Emilio Revueltas Valle, no texto “Los paisajes del agua de Tlatelolco”, recupera o códice *La Ordenanza del Señor Cuauhtémoc* para mostrar como o Vale do México, sobretudo Tlatelolco, território de fartas águas, deu lugar ao longo de sua ocupação a uma paisagem feita de concreto. Aline de Figueirôa Silva desenvolve o seu texto, “Brazilian gardens in historical perspective: Notes on the origins, functions and design of Recife’s squares” (*Jardins brasileiros em perspectiva histórica: Notas sobre as origens, as funções e o projeto das praças do Recife*) tendo com foco os jardins públicos do Recife do final do século XIX e início do XX. Por fim, o artigo de Joelmir Marques da Silva, “A Praça Euclides da Cunha, a paisagem sertaneja materializada em um jardim histórico moderno patrimônio cultural do Brasil”, resgata a história da Praça Euclides da Cunha, no Recife, a partir do projeto paisagístico de Roberto Burle Marx.

A perspectiva interdisciplinar, com ênfase em questões relacionadas ao processo de memorialização, é a tônica da seção “Artigos”, que compreende quatorze textos agrupados em cinco eixos temáticos: patrimonialização e discurso hegemônico; construção da

memória; patrimônio cultural; Imprensa, memória e resistência negra; recepção e campo literário.

Abre o primeiro eixo o artigo “Discursos autorizados y saberes locales en la patrimonialización de Purmamarca (Quebrada de Humahuaca, Jujuy)”, no qual Constanza Tommei e Clara Mancini recuperam o processo de transformação de Purmamarca em “cidade turística”, reconhecida como Patrimônio Mundial pela UNESCO em 2003, no sentido de desenvolver uma reflexão acerca do discurso patrimonial autorizado e das narrativas locais. Fábio Andreas Richeter, em “Em nome de um Estado: protagonismo no patrimônio cultural catarinense”, analisa a atuação de vários setores do poder legislativo envolvidos na salvaguarda de bens culturais no estado de Santa Catarina. O texto de Leandro Benedini Brusadin, “O poder simbólico do patrimônio no turismo: a ‘memória-imaginário’ da Inconfidência Mineira sob o âmbito da histórica cultural”, tem por objetivo analisar as apropriações da atividade turística e museal, tendo como foco os eventos da Inconfidência Mineira, transformada em mito pelos modernistas da era Vargas. A atuação de José Calasans na política de tombamento dos monumentos em Sergipe, como representante do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, é a tônica do texto de Magno Francisco de Jesus Santos, “Um intelectual a serviço do patrimônio: José Calasans, o ensino de história e as políticas do SPHAN em Sergipe.”

O segundo eixo temático – construção da memória – é composto pelo artigo “Dilemas de la memoria: imagen y narración”, no qual Micaela Cuesta parte do livro *País de mi cavallera*, de Antije Krog, na abordagem das experiências traumáticas vividas por sociedades atravessadas pela violência e pelo terrorismo. A proposta de Antônio Manoel Elíbio Júnior e Leandro de Santos Nascimento, em “Nacionalismo no bronze: o monumento equestre de Bento Gonçalves nas comemorações do centenário farroupilha em 1936 Porto Alegre – RS”, é discutir a construção de uma memória republicana e federalista do estado sulino, no interior da qual a estátua do líder da Revolução Farroupilha ganha papel de destaque. Em “O carnaval em Corumbá, Mato Grosso do Sul”, Denise Abrão Nachif e Gilberto Luiz Alves analisam as transformações dessa prática cultural, que progressivamente veio a se alinhar aos interesses dos setores públicos e privados, do mercado e da indústria cultural.

O eixo patrimônio cultural agrega os textos: “As Formas Simbólicas de Ernst Cassirer e o conceito de Patrimônio Cultural: um diálogo possível com base no estudo da Casa do

Divino (PR)”, no qual Elizabeth Johansen e Leonel Brizolla Monastirsky estudam alguns aspectos da Casa do Divino, a partir do pensamento do filósofo alemão, e “Rendas: desvelando e revelando a coleção de rendas do Museu Moda e Têxtil UFRS”, de Vera Felippi, Evelise Anicet RÜTHSCHILLING e Gabriela Trindade Perry, que desenvolvem uma abordagem de questões históricas e técnicas relacionadas à prática da renda.

Os artigos “Cem anos de imprensa negra em São Paulo: da descoberta à edição fac-similar”, de Teresa Malatian, “Imprensa e resistência negra em Clóvis Moura: de documento histórico a grupo específico de autodefesa (1959-1983)”, de Cléber Santos Vieira e “Memórias afro-brasileiras no estado do Paraná: as práticas de vida da comunidade quilombola Paiol de Telha”, de Delton Aparecido Felipe e Sandra de Cássia Araújo Pelegrini, compõem o eixo temático “Imprensa, memória e resistência negra”. O primeiro faz uma abordagem do aparecimento da imprensa negra na cidade de São Paulo, em suas interfaces com o movimento negro; o segundo analisa o percurso historiográfico de Clóvis Moura relativo à história do negro no Brasil por intermédio da imprensa; o terceiro investiga as práticas culturais desenvolvidas pela comunidade quilombola Paiol da Telha, no centro sul do estado do Paraná.

O quinto e último eixo temático – recepção e campo literário – reúne os artigos: “Eça de Queirós no *Suplemento Literário de Minas Gerais*”, de Cristiane Navarrete Tolomei, e “A consolidação do campo literário cearense e do público leitor em fins do século XIX: o caso da *Padaria Espiritual* e outros grupos de homens de letras”, de Luciana Brito e Ricardo André Ferreira Martins. O primeiro analisa o papel do *Suplemento Literário de Minas Gerais* no cenário do jornalismo cultural no Brasil, entre 1966 a 2016, com foco na divulgação da obra de Eça de Queirós. O segundo investiga a participação de grupos de intelectuais e homens de letras, reunidos à volta do movimento da Padaria Espiritual, em Fortaleza, no final do século XIX.

Em diálogo com o dossiê “Paisagem & jardim como patrimônio cultural”, a seção “Documentos” traz o artigo de Gilberto Freyre, “Jardins para os trópicos”, publicado na obra *Retalhos de jornais velhos*, reunião de textos do sociólogo pernambucano que saíram na imprensa do Recife, São Paulo e Rio de Janeiro, entre 1918 e 1928. Conforme observo na minha apresentação do referido artigo, é possível reconhecer nesse escrito da juventude de Gilberto Freyre a valorização do jardim enquanto espaço de memória, tema que mais tarde será amplamente explorado pela história cultural.

A literatura, ou mais propriamente a historiografia literária brasileira, é contemplada na resenha de Everton Barbosa Correa acerca do livro organizado por Roberto Acízelo de Souza, *Na autora da literatura brasileira: olhares portugueses e estrangeiros sobre o cânone literário nacional em formação (1805-1855)*, contribuição de peso para os estudos da atividade literária no Brasil do Oitocentos.

Boa leitura!

Sílvia Maria Azevedo

Editora